ANTIGUIDADE

da navegação do oceano. Viagens dos navios de Salomão ao rio das Amazonas, Ophir, Tardschisch e Parvaim, por D. Henrique Onffroy de Thoron (1)

NTES de provar que os navios de Salomão e de Hiram fizeram varias viagens ao rio das Amazonas, é indispensavel demonstrar primeiro que os povos da antiguidade a mais remota, conheciam a America.

A Biblia nos diz, é verdade, que os Phenicios conheciam todos os mares; porém este povo é mui pos-

(1) Este trabalho foi publicado pela primeira vez no jornal geographico—*O Globo*—de Genova, em Novembro e Dezembro de 1869. Alguns annos depois o auctor fel-o traduzir e o enviou ao padre Theodoro Gabriel Thauby, dando-lhe a incumbencia de offertal-o á municipalidade de Manáos, capital da então provincia do Amazonas. Em 15 de Fevereiro de 1876 desobrigou-se o padre Thauby da sua commissão, remettendo o manuscripto á camara.

Esta sem demora mandou dar-lhe publicidade, em um folheto de 51 paginas, impresso em Manáos, na typographia do—*Commercio do Amazonas*—, de Gregorio José de Moraes, ainda no anno de 1876.

Do auctor existem ainda publicados dois trabalhos sobre o mesmo assumpto: *Les Pheniciens á l'ile d'Haïti et sur le continent américain. Les vaisseaux d'Hiram et de Salomon au fleuve des Amazones (Ophir, Tardschich, Parvaim). Louvain, imp. de C. Peeters, 1889, in 8º, 141 paginas e uma carta; e Voyages des flottes de Salomon et d'Hiram en Amérique. Position géographique de Parvaim, Ophir et Tarschisch. Paris, imp. international de G. Towne, (s. d.), gr. in—4º, 23 paginas, impresso em duas columnas.*

terior aos Atlantes que foram seus mais velhos na arte da navegação, e possuiram numerosas frotas no Oceano Atlantico.

Ao lado dos factos historicos que nos tem sido transmittidos pelos autores antigos e que havemos de resumir neste relatorio, mostraremos quanto a philologia ajuda a historia e a geographia, já que com este precioso auxiliar, chegamos a descobrir os vestigios da navegação dos Phenicios e dos Hebreus da epoca de Salomão, e a determinar as posições geographicas de Parvaim, de Ophir e de Tarschisch.

Temos nos dialogos de Tineo e Critias por Platão, tradições egypticas anteriores ao cataclysma da Atlantide; remontam á invasão dos povos Atlantes sobre o nosso continente

Os sacerdotes egypcios perto de quem se instruia Solon, contaram-lhe, com numerosos pormenores, tudo quanto se referia ao poder maritimo dos Atlantes, á sua invasão e destruição.

Critias era avô de Platão que escreveu seus dialogos com conhecimentos tirados de varias fontes authenticas. Assim é que, por Solon e Critias, Platão indica primeiro a posição da grande ilha Atlantide no Oceano, em frente ao estreito de Gades ou de Hercules; em seguida, atraz desta, aponta as numerosas ilhas que chamamos as Antilhas; atraz destas, diz elle, está *a grande terra firme:* «O que acaba de ser designado como terra firme, diz Critias, *é um verdadeiro continente.*» Eis ahi, pois, a America! e para que não haja duvida, Platão accrescenta que atraz d'esta terra firme, está o *grande mar;* é evidentemente o grande Oceano. Resulta dessas tradições que antes dos Phenicios, os dois Oceanos e a America eram conhecidos dos Atlantes e dos Egypcios.

A' esta antiguidade se liga a dos Phrygios, unico povo em que os Egypcios reconheciam ancianidade capaz de rivalisar com a sua. Ora segundo Heliano

(Hist. 3), Theopompo, poeta e historiador grego, narra que Sileno ensinou a Midas, rei de Phrygia, que alem e longe da Asia, Europa e da Libia (Africa) que são, diz elle, propriamente fallando *ilhas*, existe um *verdadeiro e unico continente*, de immensa extensão e habitado pelos Meropios. Theopompo chama este quarto continente Meropis (1), é governado, diz elle, por Merope, filha de Atlas, rei de Libia. Ha 3210 annos que este reinava; e sua filha, ha 3129 annos, era contemporanea de Herculis, de Theseo e de Laomedonte, isto é, cerca de 50 annos antes da tomada de Troia.

A lingua *Kichua* ou dos *Antis* da America equatorial fornece-nos a etymologia de Merope: *Marop* é o genitivo de *maro*, terra; ella é da terra dos Meropios ou nascida da terra, isto é, autochtona, expressão que corresponde ao grego *Gheghenes*. A rainha Merope tirou, pois, seu nome ou appellido do paiz que se chama Meropis.

Atlas, nome egypto-lybico, tem sua raiz no egypcio *atl*, «paiz,» acompanhado da particula egypto-Kichua *as* que é affirmativa, indica a estabilidade. Atlas significa, pois, «do paiz» isto é, indigena, nascido no paiz, posto que fosse elle descendente dos Atlantes, assim como os seus subditos estabelecidos na Lybia. Eram oriundos do paiz de Atlantis, nome que os Gregos trou-

(1) Midas, primeiro rei de Phrygia, existia cerca de 400 annos antes do diluvio de Deucalião, pois Nannac, outro rei phrygio antecedeu este acontecimento de 300 annos segundo Suidas.—O diluvio de Deucalião que inundou a Thessalia, teve lugar, segundo os marmores de Paros, 1329 annos antes da nossa éra.—Admittindo que Sileno e Midas tivessem vivido cerca de 100 annos antes de Nannac, haveria hoje 3800 annos, isso é, um seculo antes do diluvio de Inacche, rei de Argos e pai de Phoroneo. Tiramos a consequencia que naquella epoca, o continente americano ou uma das suas partes era chamada Meropis pelos Phrygios, e que este nome foi tambem conhecido entre os Gregos. Entretanto é menos antigo que o de Atlantis.

xerão do Egypto; ora na lingua dos egypcios, *anti* significa «os altos valles». Atlantis «paiz dos altos valles». *Anti* é justamente o nome dos Andes da America equatorial, e suas povoações têm ainda o nome de *Antis*. Sileno, dando a descripção do vasto continente governado por Merope, falla dos grandes animaes que lá se veem, das grandes cidades, dos costumes e leis dos seus habitantes e accrescenta que elles possuem muito ouro e prata. Semelhante narração não se pode referir senão á America.

Parte da lingua dos Antis se acha nos hieroglyphicos dos monumentos do Egypto, assim como no grego antigo (1). Independentemente das provas philologicas que possuimos, as quaes demonstram as relações dos povos de ambos os grandes continentes, em a mais remota antiguidade, faremos observar que os antigos Egypcios se representavam sempre em suas pinturas muraes como sendo da raça vermelha e imberbe: ora os americanos indigenas são os unicos povos que são imberbes e de côr vermelha, e seu typo é justamente o mesmo que se nota nas esculpturas mais antigas do Egypto. Conchegando este facto ethnographico ás provas philologicas e á communidade de lingua, torna-se evidente que o elemento principal da grande invasão dos Atlantes, a qual effectuou-se ao mesmo tempo na Lybia até ao Egypto, na Europa até a Tyrrhenia, até mesmo á Grecia, fôra fornecida pelos habitantes dos altos valles da America equatorial, *colligados com os da ilha Atlantide*. Critias conta que os Athenienses resistiram a uma multidão infinita de inimigos armados, *vindos do mar Atlantico*.

(1) No vocabulario abreviado do egyptologo Bunsen, temos apontado grande numero de palavas tiradas dos monumentos egypcios e que existem no Kichua com seus significados identicos. Estamos igualmente de posse de muitas centenas de vocabulos gregos que temos apontado no Kichua, e resultado analogo obtivemos comparando o Kichua com o hindustani.

Faz tambem constar a colligação dos reis do vasto imperio dos Atlantes, comprehendendo os da parte *da terra firme* (d'America) *sujeita a seu dominio.*

Segundo Platão, a esquadra dos Atlantes se compunha de varios milhares de navios. Desfalcando a exageração, temos em as narraçãoes que acabamos de referir, *as provas da navegação do Oceano* por povos cuja antiguidade sobe alem do cataclysma da Atlantide; e temos a certeza que os povos dos grandes continentes se conheceram perfeitamente antes da época phenicia.

Os antigos Egypcios e os Pelasgios (1) não eram na verdade senão Atlanto-americanos.

Em algumas palavras, havemos dado a chave das origens da historia, para fazel-a sahir da sua obscuridade. Collocando-nos a um ponto de vista de tudo novo, ser-nos-ha facil fazer apreciar e conceber a successão dos factos na sua ordem natural; e os movimentos dos povos de uma época relativamente primitiva, atravez dos mares e dos continentes, interessam tambem á geographia considerada debaixo de seus diversos aspectos.

R. Festo Avieno que, no quarto seculo, traduziu varias obras gregas, estabelece que *alem do Oceano, ha terras e margens de um outro mundo.*

Diodoro de Sicilia, 45 annos antes da era christã, escreveu grande numero de livros sobre os diversos

(1) Os Egypcios diziam ter recebido seus deuses dos Atlantes; a invasão do solo grego é da mesma epoca: ora os mythos e as divindades pelasgicas, introduzidas entre os gregos e latinos, e de que temos descoberto as origens e verdadeiras significações na lingua dos Antis; as construcções cyclopeas feitas pelos Pelasgios na Grecia, na Italia, sendo identicas ás que se vêm entre os Antis; a palavra grega *pelagios* que significa marinha, o nome do Oceano que é *pelagos*, e outras razões ainda, provam a origem americana dos pelasgios chamados cyclopes: por isso Homero diz serem estes filhos de Neptuno e de Amphitrite; por isso tambem Herodoto nos diz ser Neptuno divindade de origem pelasgica.

povos do mundo; em seus escriptos, designa claramente a America com o nome de ilha, porque ignorava a sua extensão e configuração: esta expressão de ilha é muitas vezes empregada pelos escriptores da antiguidade para designarem um territorio qualquer: assim temos visto atraz que Sileno chama ilhas a Europa, Asia e Africa. Em a narração de Diodoro, não é possivel o engano, quando descreve a ilha de que fallamos.

« Está distante da Lybia, diz elle, muitos dias de de navegação, e *situada ao Occidente.* Seu solo é fertil, de grande belleza e *regado de rios navegaveis.*» Esta circumstancia de *rios navegaveis* não se pode applicar senão a um continente, pois nenhuma ilha do Oceano tem rios navegaveis. Diodoro continua dizendo: «Ali vê-se casas sumptuosamente construidas;» ora sabemos que a America possue bellos edificios em ruinas e da mais alta antiguidade. «A região montanhosa é coberta de arvoredos espessos e de arvores fructiferas de toda especie. A caça fornece aos habitantes numero de varios animaes; em fim o ar é de tal modo temperado que as fructas das arvores e outros productos ali brotam com abundancia durante quasi todo o anno.» Esta pintura do paiz e do clima por Diodoro se refere de todo ponto á America equatorial. Este historiador conta depois como os Phenicios descobriram aquella região. «Os Phenicios, diz, tinham-se feito á vela para explorarem o littoral situado além das columnas de Hercules; e emquanto costeavam a margem da Libia, foram lançados por ventos violentos *mui longe no Oceano.* Batidos pela tempestade por muitos dias, abordaram em fim na ilha de que fallámos. Tendo tomado conhecimento da riqueza do solo, communicaram sua descoberta a todo o mundo. Por tanto os Tyrrhenios, *poderosos no mar*, quizeram tambem mandar uma colonia; porém foram impedidos pelos Carthaginezes que re-

ceiavam que um demasiado numero de seus concidadãos, attrahidos pela belleza d'esta ilha, desertassem da patria.»

N'um escripto de Aristoteles (de mirab. auscult. cap. 84) diz que foi o receio de ver os colonos sacudirem o jugo da metropole carthagineza e prejudicarem ao commercio da mãe patria, que levou o senado de Carthago a decretar pena de morte contra quem tentasse navegar para esta ilha.

Aristoteles descreve tambem uma região fertil, abundantemente regada e coberta de florestas, que fora descoberta pelos Carthaginezes, *alem do Atlantico*.

Os Tyrios haviam fundado Carthago 250 annos antes de Salomão; ora Strabon diz-nos que esta colonia phenicia fechou o estreito de Gades aos Gregos para impedil-os que navegassem no Oceano. Porém as colonias phenicias na Numidia e ao longo da costa africana remontam a 1490 annos antes de nossa éra. Os Chananeos, expulsos por Josué, embarcavam para a Mauritania cujas margens são banhadas pelo Mediterraneo e o Oceano. Tingis (Tanger) era um dos seus pontos de desembarque; pois Procopio (Vandalic, 2) conta que no seu tempo ainda se via perto d'esta cidade duas columnas cujas inscripções gravadas resavam que lá estavam os povos que o usurpador Josué, filho de Navé (Nun) tinha expulso de seu paiz. Sallustio, em Jugurtha, diz ter tirado dos archivos dos reis de Numidia o apontamento seguinte: «Que os Phenicios expulsos do seu paiz, tinham vindo, pouco tempo depois de Hercules, estabeleceram colonias sobre as costas d'Africa onde construiram cidades». A exemplo dos Phenicios, os Carthaginezes fundaram tambem diversas cidades nas margens da Lybia, do lado do Oceano. Hannon, almirante carthaginez, fez uma viagem desde o estreito de Gades até á entrada do golfo arabico contornando a Africa (Plin. Hist. nat. lib. 2 De rotundit. terræ); embarcou em sessenta navios 30 mil pes-

soas de ambos os sexos para servirem á fundação d'essas cidades e colonias carthaginezas. A frota de Carthago era de duzentos navios, e na epoca da primeira guerra punica subia a 500.

A historia está cheia de narrações que provam que os Phenicios e os Carthaginezes frequentavam o Oceano.

D. P. F. de Cabrera, de Guatemala, mui versado nos factos da antiguidade, assegura que os Carthaginezes fundaram na America uma colonia durante a primeira guerra punica. Lendo as narrações dos diversos chronistas do tempo da conquista e das descobertas na America, adquire-se a certeza que, em diversas epocas da antiguidade, este continente fora visitado e invadido mesmo por povoações estrangeiras vindas do antigo continente.

Independentemente das tradições, os monumentos com inscripções e esculpturas na pedra a mais dura, provam que instrumentos de ferro e de aço serviram para graval-as; ora em nenhuma parte da America tem-se podido descobrir vestigios de fabrica de ferro; o cobre só estava em uso. Artistas e operarios estrangeiros, particularmente os Carios, assignalados na America, teriam, pois, contribuido para a construcção e embellezamento dos edificios que nella se admiram.

Ha pelo menos 3500 annos que os Carios ou Cares estavam estabelecidos nas Cycladas e outras ilhas do Mediterraneo, donde partiam para navegarem o Oceano; e com razão Diodoro diz que os Carthaginezes seguiram na navegação os rastos dos Carios *nos mares do Oeste.*

Os Carios usavam de pennas a modo dos americanos; alem d'isto têm deixado em a maior parte da America seu nome e numerosos signaes archeologicos; estabeleceram mesmo uma dynastia de sua raça que reinava em Quito, capital do Equador.

Plutarco, no *Tratado das manchas no orbe lunar*, conta, abrangendo todo o Occidente alem das columnas de Hercules, que o *continente em que reinara Merope* foi visitado por Hercules *numa expedição que fez para o Oeste*, e que seus companheiros *ali apuraram a lingua grega* que começava a se adulterar. Ora nossos estudos de philologia comparada nos têm feito descobrir que a lingua Kichua ou dos Antis da America equatorial e meridional contem centenares de vocabulos gregos. Este facto confirma a viagem de Hercules na America. (1)

Num relatorio á Academia das Inscripções e Bellas Lettras, por M. C. Renan (t. 23, leitura de 9 de Outubro de 1857), este sabio «não admitte que a Grecia tenha feito aos Phenicios emprestimos para seus cultos os mais antigos, particularmente nos que parecem ter raizes mais profundas no solo pelasgico. Estes mythos, diz elle, figuram em Hesiodo e Homero como tradições velhas *cuja origem é desconhecida.*» Ora temos descoberto que as divindades pelasgicas, gregas e romanas têm seus nomes ou suas etymologias exactas na lingua Kichua, donde resulta que ellas teem sido importadas da America equatorial em nosso continente: numerosos exemplos temos consignado d'isso n'uma Memoria especial; e são outras tantas provas das relações que se haviam estabelecido entre o Antigo e o Novo Mundo.

Poderiamos, com exemplos tirados da historia, demonstar o contacto evidente que têm tido entre si os povos dos dois grandes continentes. Assim a genealogia mythica nos ensina que Inaccho que fundou uma colonia na Grecia, era filho do Oceano, isto é que tinha vindo atravez do Oceano (2). Segundo a historia,

(1) Segundo Plutarco, as origens gregas achar-se-iam na America: os resultados de nossos trabalhos dão-lhe completa razão.

(2) Inaccho não era oriundo de Phenicia, como alguns julgarão; vindo pelo Oceano, andou pelo Egypto e a Phenicia recrutando colonos para se estabelecer com elles em Argolida, onde fundou Argos: Strabon o considera como pelasgio.

Belo que foi estabelecer uma colonia em Babylonia e o sacerdocio ao modo dos Egypcios, tinha nascido de Lybia e de Neptuno, isto é, filho de uma africana e de um habitante vindo pelo Oceano. O culto de Belo, Bel ou Baal, estava no principio identificado com o do Deos-Sol: ora, na America este mesmo culto existia; e assim como em Babylonia se adorou a Belo, assim no Perú se adorava ao Inca como descendente do Sol.

O novo e o antigo continente possuem igualmente pyramides, tumulos e construcções cyclopeas; de ambos os lados do Oceano tem-se as tradições dos gigantes e das Amazonas; as ideias mythologicas e o estudo dos astros eram identicos na Asia, no Egypto e na America. Em quanto ao que mais particularmente tem respeito aos Hebreos, muitos dos costumes d'elles se hão observado entre os povos americanos. As vestimentas e os attributos sacerdotaes d'esses eram identicos aos que se notam nos munumentos egypcios. A circumcisão existia igualmente no Egypto, na America e entre os Hebreos; e, note-se, estes ultimos praticavam esta operação com pedra afiada, exactamente como os Indios da America equatorial, posto que a lei não lhes impozesse a escolha do instrumento.

Quando o rei de Portugal Aphonso V autorisou em 1461, o estabelecimento dos colonos nas ilhas dos Açores, achou-se na de Cuervo, a mais distante para Oeste, uma estatua representando um cavalleiro que com a mão direita *apontava o Occidente*, a direcção da America. No mesmo rochedo em que tinham talhado essa estatua, existia uma inscripção em caracteres desconhecidos dos Portuguezes (1). Esta estatua, que foi chamada *Cades* ou *Cates*, tira sem duvida seu nome do

(1) Hist. geral das viagens, tit. 1.—Eddrissi, geographo arabe faz tambem menção d'esta estatua, assim como diversos escriptores d'aquelle seculo

Kichua cati, «seguir»: era uma indicação para os maritimos.

Em fim não esqueçamos observar a proximidade das ilhas do Cabo Verde da costa do Brazil, e a existencia das correntezas equatoriaes oppostas, que facilitam a travessia entre os dois grandes continentes para ida e volta. Este facto é hoje perfeitamente constatado, e pode se verificar com o mappa das correntezas do Oceano.

Em resumo, nossas citações provam que na antiguidade, até a quéda de Carthago, 146 annos antes de Jesus-Christo, o Oceano tinha quasi sempre sido frequentado, que a America era conhecida dos povos navegantes; em ultimo logar, que a facilidade das communicações sempre existiu entre os dois grandes continentes pelos ventos geraes a as correntezas equatoriaes, cujo conhecimento possuiam os marinheiros phenicios. Comprehende-se agora porque Salomão pedia maritimos a Hiram para mandar seus navios a Ophir e Tarschisch; e vamos mostrar que esses logares celebres da Biblia, assim como Parvaim, se achavam no interior do rio das Amazonas.

A choronologia seguinte, do cataclysma da Atlantide até Salomão, pode ser consultada vantajosamente; ás datas anteriores á era christã, accrescentaremos a de 1870 depois de Jesus-Christo. A cidade de Sidão, appellidada *cidade dos pescadores*, existia ha 4800 annos. Adoptada a data de Herodoto, Tyro que a Biblia chama *Filha de Sidão*, foi fundada ha 4620 annos. O reino de Belo remonta a 4000 annos. O diluvio que teve logar no tempo de Phoroneo e de Inaccho, rei de Argos, remonta a 3700 annos: este rei pelagico tinha vindo, segundo a historia, *atravez do Atlantico*, até á Grecia. Ha 3399 annos que teve logar o diluvio de Deucalião, segundo os marmores de Paros.

A data de Cecrops II e de Atlas II, rei de Mauritania, remontram a 3210 annos.

O reino de Merope na America e a expedição de Hercules sobre este continente *atravez dos mares do Oeste*, tem a data de 3129 annos. Segundo Appiano d'Alexandria, ha 3130 annos que Carthago foi fundada. A tomada de Troia remonta a 3079 annos, segundo os marmores de Paros. Emfim ha 2880 annos que o templo de Salomão foi edificado e que reinava Hiram, rei de Tyro; pouco tempo depois desta mesma epoca, segundo os trabalhos de Gosselin, o almirante carthaginez Hannão teria realisado sua viagem a redor da Africa.

Uma residencia de doze annos na America equatorial e meridional, me tem fornecido ensejo de um estudo aprofundado dos territorios do Perú e do Equador, assim como em diversas expedições o de fazer explorações e operações geometricas para levantar o mappa d'esta região. O da *America equatorial* que tenho publicado em Paris (1) ao mesmo tempo que um livro com o mesmo titulo, é o mais completo que existe, emquanto que os meus fragmentos do mappa do Perú ainda não se publicaram. O mappa annexo a este relatorio sobre as viagens das frotas de Salomão, não indicará senão os pontos geographicos indispensaveis e os que se referem á minha demonstração.

Minhas descobertas historicas têm sido facilitadas pelo estudo da lingua Kichua, fallada nos Andes do Perú e do Equador, tenho feito d'ella um vocabulario nas minhas excursões.

Os philologos farão bem em adquirir o vocabulario Kichua de Tschudi que me parece ser o mais completo dos que têm sido impressos até hoje, posto que se possa augmentar.

Tschudi publicou ao mesmo tempo em Vienna, a grammatica Kichua e um volume d'ethnographia.

Aproveitamos esta occasião para dizer aos philologos que o Kichua contem grande parte das linguas

(1) Me. V.ª Jules Renouard, livreira, rua de Tournon, Paris.

mortas da Asia, do Egypto e da Grecia. Esta descoberta é devida aos meus perseverantes trabalhos, e aponto este facto aos philologos para que entrem commigo em nova estrêa para suas pesquizas historicas e linguisticas; chegarão a resultados que estão longe de esperar.

David quando morreu, deixou a Salomão para a construcção do templo 7 mil talentos de prata e 3 mil de ouro de Ophir. O velho rei não tinha nenhum navio que navegasse em os mares exteriores; recebia, pois, o ouro de Ophir pela trafico dos Phenicios que, segundo a Biblia, conheciam todos os mares. Salomão, para pôr á execução os seus grandes projectos que exigiam immensos thesouros, recorreu a Hiram; chegou a interessal-o nas suas emprezas e a contractar com elle aliança solida.

O receio de excitar a ciosa susceptibilidade dos povos do Mediterraneo, foi sem duvida o motivo que decidiu Salomão a mandar construir em Esion-Gaber, no mar Vermelho, os navios que destinava ás viagens de Ophir.

Hiram lhe mandou marinheiros experimentados, e como se hão de convencer adiante, a frota de Ophir não voltou nunca ao mar Vermelho; passou pelo cabo africano para se reunir no Oceano Atlantico com a frota de Hiram, que sahiu do Mediterraneo.

A descoberta que fizemos do caminho seguido pelos navios de Salomão e do rei de Tyro, atravez do Oceano, ha 2880 annos, para irem á America, será neste relatorio, provada de um modo irrefutavel. As conjecturas nem os raciocinios mais ou menos especiosos de alguns sabios não têm podido até hoje arrancar o véo que cobria a estrêa desconhecida que seguiam as frotas d'esses reis, e ninguem pôde precisar os logares occupados por Ophir, Parvaim e Tarschisch. Esta questão, tantas vezes controvertida, não foi nunca resolvida pelos homens mais eruditos que a tratárão,

porque sua argumentação, longe de ter base solida, se assentava apenas sobre hypotheses, e achava-se embaraçada por crenças erroneas sobre a navegação dos antigos. Suas pesquizas em todos os pontos do antigo continente não tendo trazido solução alguma verosimel, temos seguido marcha inversa, e foi na propria America, na sua parte mais desconhecida, que temos descoberto os celebres logares de Ophir, de Parvaim e de Tarschisch. Nesses mesmos pontos existem ainda varias localidades que têm conservado nomes hebraicos, em quanto os nomes dos objectos trazidos pelos navios de Salomão e de seu alliado o rei de Tyro, pertencem justamente á lingua dos indigenas da região frequentada por esses navios: ora estes nomes, segundo confessam os maiores philologos, pertenciam á *outra lingua* do que a hebraica. Havendo os nossos trabalhos chegado á reunião de numerosas provas e circunstancias evidentes, accumuladas nos logares designados, podemos apontar a proveniencia dos objectos importados em Jerusalem; assim como seus nomes que foram tomados da lingua *Kichua* ou dos *Antis*, a qual ainda se falla na bacia superior do rio das Amazonas: faremos alem d'isso conhecer os significados e as etymologias exactas; em quanto ás localidades mencionadas neste relatorio, aconselhamos aos leitores que examinem a sua situação em o mappa que temos levantado para que nossa demonstração seja melhor entendida.

Comecemos por fazer conhecer *Parvaim*. O exame desta palavra é importante; ella, por si só, é uma revellação. No livro 2 dos Paralipomenos, cap. 3, v. 6, diz-se que «Salomão adornou sua casa com bellas pedras preciosas e que o ouro era de parvaim.» Este rei conseguia, pois, o ouro de outra parte que não fosse só Ophir e Tarschisch. Parvaim é pronuncia alterada de *Paruim*, por isso que o antigo alphabeto latino confundia o *v* e o *u*, que o *iod* que é a vogal *i*, muitas vezes se lê com a pronuncia de *ai* em hebraico. Porém no

texto hebraico o *ouro de Paruim* está escripto *Zab-Paruim*; em o texto grego dos Setenta lê-se igualmente *Paruim*, e sua versão nos dá aqui completa razão. A terminação *im* indica o plural hebraico; está accrescentada a *Paru*, porque, como se vê em nosso mappa, existem na bacia superior das Amazonas, no territorio oriental do Perú, *dois rios auriferos*, um com o nome de *Paru*, outro com o de *Apu-Paru, o rico Paru*, e que unem suas aguas em 10° 30' de latitude meridional, para as confundirem depois no *Ucayali* que é um dos grandes affluentes das Amazonas.

Ora, dois rios do nome de Paru fazem justamente *um plural* e dão o *Parú-im* dos Hebreos. Eis pois um dos logares biblicos perfeitamente indicado e por nós descoberto (1). Faremos a respeito de Parvaim as observações seguintes: é que os dois rios Paru e Apu-Paru descem da provincia Carabaya que é a mais aurifera do Perú. A segunda observação é que não se deve julgar, apezar da quasi-similhança dos nomes que Perú venha de Paru. O imperio dos Incas tinha o nome de Tahuan-tin-suyu, isto é «os quatro paizes unidos».

O nome de Perú é moderno; Pizarro, arribando pela primeira vez a esta parte do novo mundo, chegou ao cabo Biru situado no Pacifico, entre o 8° e o 9° de latitude meridional; deu ao paiz que acabava de descobrir o nome de Biru e d'elle se fez Pirú: esses no-

(1) *Paru* parece ser contractado do antigo egypcio *pa-aru* «a ribeira»; paru significa ribeira entre os Mayorunas da alta Amazonia; porém esta palavra que cahio em desuso entre as povoações dos Andes (Antis), devia na antiguidade pertencer ao Kichua; ainda se acha com forma corrompida de *palu* ou *pelu* «ribeira»; chama-se ainda *Pari* a maior parte das origens dos grandes rios; em Kichua *para* significa a chuva; e *para* em tupi significa ribeira. Em tartaro *parok* é a torrente. Os verbos Kichua *ara, ala* «abrir uma fonte» são a origem de *ara, ari, aru, alu, elu* precedidos do artigo Kichua *pay* que tem sido contractado em *pa* como no egypcio. Palu originou o latim *palus*, mar, pantano, porção d'agua qualquer

mes figuram nos manuscriptos e impressos dos dois primeiros seculos que seguiram a conquista do Perú. Montesinos, um dos chronistas hespanhoes, por causa da abundancia do ouro que se tirava do Perú, suppoz que o Perú podia ser o Ophir da Biblia. Porém faremos observar primeiro que o nome de Ophir não tem nada de commum com o de Paruim ou Parvaim; e em segundo logar que Ophir, como se póde ver em nosso mappa, não está no territorio do Perú, mas sim nas possessões brazileiras e columbianas.

Os rios Paru e Apu-Paru limitam ao Sul e Oeste um antigo imperio de nome de Inim e que hoje está feito legendario; apontam-no os mappas de alguns missionarios, entre os quaes o mais explicito é o do P. Sobreviela.

Inim é palavra hebraica derivada de *inini* ou *ineni* «que está convencido». Esses vocabulos hebraicos se referem ao Kichua *inin* «tem a fé, é crente». Assim o imperio de Inin é bem *o imperio do crente ou da fé*. Eis pois, na America um nome cujo feitio é todo oriental. Este imperio tem ainda por limites ao Sul o rio *Beni* e a Leste o rio *Cayari* que chamam hoje do nome portuguez «Madeira».

Beni é a palavra hebraica e arabe que tem por significado «filho, gente de seita ou de tribu». *Cayari* é formado do hebraico *ca* «coragem, resolução» e de *iari*, «rio», «rio da resolução» (1). Entre os rios que descem do Sul ao Norte e atravessam o imperio de Inin se acha

(1) Faremos observar que os Hespanhoes davam ao *Ucayali* e outros rios cujas aguas eram brancas o nome de *blanco*, e os Portuguezes o de *branco;* mas isso não podia autorisar ao Sr. Martius a dar ao nome de *Cayari* o senso de *fluvius albus*, como o tem dito no glossario; o Kichua, o tupi, nem dialecto algum das Amazonas pode fornecer etymologia applicavel a Cayari no sentido de rio branco. Se existisse essa etymologia, Martius que no seu glossario tem arriscado centenares de raizes inverosimeis, não teria deixado de dar a de Cayari.

o *Hutai* ou *Jutahy* (1); ora, a palavra hebraica *huta* significa «prevaricador», *hi*, *i* ou *y* é um vocabulo indigena que significa «agua, ribeira»: *Hutai* «rio do prevaricador». Este nome, como se vê, quadra bem por seu contraste, com o do imperio do crente. O Hutai tem por affluente um rio do nome de *Omara:* não será o nome judaico ou arabe de *Omar*, o prevaricador talvez?

Eis, porém, o complemento de tantas coincidencias se referindo ao imperio de Inin: o rio das Amazonas, desde a embocadora do Ucayali até a foz do Rio Negro, traz ainda o nome de Solimões: não é nem mais nem menos que o nome viciado de Salomão, dado ao rio das Amazonas pela frota do grande rei que delle tomou posse: em hebraico Solima e em arabe Soliman. Ora, os chronistas da conquista do rio das Amazonas contam que, ao Oeste da provincia do Pará existia uma grande tribu com o nome de Soliman (2), nome que tinha o rio: pois na America as correntes d'agua tiram os nomes das tribus que as habitam. D'ahi tambem os portuguezes têm feito Solimão porque costumam mudar o *n* final em a vogal *o*.

Não se torna por acaso de mais em mais evidente que o frota de Salomão reinava soberana nas aguas das Amazonas, e que foi ella que fundou o imperio dos Crentes ou de Inim, nos limites que temos designado?

Esta colonia hebraico-phenicia teve uma duração temporaria assaz longa; pois as viagens triennaes dos navios de Salomão e de Hiram se renovaram varias vezes; provavelmente não foi abandonada á propria

(1) Os Hespanhoes escrevem *Jutahy*, porém sabe-se que elles pronunciam *Khutai* ou *Hutai*, a lettra *J* sendo entre elles guttural e aspirada. Martius (nomina locorum) o escreve tambem *Jutahy*.

(2) O diccionario geographico universal, por Picquet, escreve Soriman; porém em portuguz, diz-se indifferentemente Solimão, Solimões, Solimoens, Sorimões, porque nas linguas americanas as lettras labiaes L e R se assemelham constantemente; pode-se vêr estas differenças no vocabulo tupi, por Martius, p. 525.

sorte senão no reinado de Josaphat, rei de Judá, no tempo em que os Carthaginezes todo-poderosos, não permittiam a nação alguma o sahir do Mediterraneo. Eis porque Josaphat quiz mandar sahir do mar Vermelho para essa mesma região uma frota equipada conjuntamente com Ochozias, rei de Israel, porém um temporal hediondo a destruiu completamente.

Passemos a Ophir, logar tão celebrado por suas riquezas. Devemos lembrar aqui que philologos têm crido poderem fazer que prevalecesse o nome de *Abiria* por ter sido o Ophir da Biblia. Porém levaremos nossa attenção sobre os factos seguintes: primeiro, o nome de Abiria é a traducção latina do vocabulo grego Sabeiria, tomado na geographia de Ptolomeu, liv. 7, cap. 1. A licença do traductor é tão grande quão censuravel. Em segundo lugar, Sabeiria se achava situado na parte occidental da India que chamavam Indo-Scythia. Porem é reconhecido que a India, mormente na sua parte occidental, *nunca produzio ouro* para o commercio; em quanto que pelo contrario os Egypcios e Arabes ali traziam seu ouro, *para o trocar* com tecidos de lã e de algodão. Assim a hypothese que Sabeiria fosse o Ophir da Biblia cahe por si.

O Sr. Estevão Quatremere, no seu relatorio sobre o paiz de Ophir, diz que o nome de Ophir ficou desconhecido aos escriptores gregos e latinos; refuta as hypotheses de varios sabios e geographos que tratarão d'esta questão; elle não admitte que Ophir tenha sido collocado no golfo arabico, na Arabia Feliz, nem em parte alguma da India; não admitte mesmo que podesse ser em Ceylão, Sumatra, Bornéo, ou ponto algum do extremo Oriente, pela razão muito simples, diz elle, que os navios de Salomão e de Hiram gastavam *tres annos* em cada viagem. Porém o Sr. Quatremere cahe no proprio erro dos que combate, pois que colloca Ophir em *Sofalah*, na costa oriental da Africa. Não se pode admittir que a navegação das frotas sahidas do

mar Vermelho ou do Mediterraneo para Sofalah, tenha sido maior que a das ilhas do extremo Oriente; as viagens em Sofalah não explicariam pois os tres annos de cada ausencia dos navios de ambos os reis. Entretanto para fortalecer a sua hypothese, o Sr. Quatremere não hesita na escolha dos meios: assim é que por não achar pavões na Africa, elle quer que os passaros chamados *tukins* na Biblia, sejam piriquitos ou picotas.

A argumentação do Sr. Quatremere é, pois, fraca, e suas hypotheses sem fundamento não dão nenhuma verosimilhança á existencia de Ophir na região de Sofalah.

Para ter-se uma idea do que era Ophir, é procurar a significação d'este nome; porém antes de tudo, é necessario centificar-se do modo com que se escreve em caracteres hebraicos.

No cap. 10 do livro 1 dos Reis, v. 11, acha-se escripto em lingua hebraica de dois modos *Apir* e *Aypir*.

No cap. 9 dos Reis, v. 28, este nome está escripto *Aypira*: esta ultima forma accusativa de *Aypir* tornou-se um nominativo; mas *Aypira* não é senão o nome mal pronunciado de Yapurá, grande affluente das Amazonas ou do rio Soliman, em consequencia de uma permuta de lettras, como por exemplo o Kichua *yura* «folhagem» faz em vasco *urya*; um vaso em Kichua *Kiráu*, em chaldaico *Kiura*; sujo em Kichua *millay*, em hindoustani *maila*; panella em Kichua *paila*, em persico *piala*, etc.; o mesmo se deve dizer a respeito das mudanças de vogaes, como em Kichua o ar *huayra*, faz em laponico *huiro*, em georgico *hairi*, em chaldaico *haiar*, em syriaco *oyar*, em grego e latim *aer*; o nome de numero um em Kichua *huc*, em hindoustani *hec*, em bulgaro *hic*, em telegu *hac*; lingua em Kichua *kalu*, em mongol *kélé*, em syberiano *kil*, em filandez *kieli*; um menino em Kichua *churi*, em velho egypciaco *chiru* e em egypciaco-copta *chiri*. Assim os exemplos de permuta e de sub-

stituições de vogaes não alteram a significação das palavras, e nada se oppõe a que o Aypira da Biblia tenha vindo do nome do rio Yapurá.

Este ultimo nome está composto *Y* de que significa «agua», e de *apura* que é o nome de *Apira* ou *Apir*, «agua ou rio de Apir ou de Ophir». Este logar celebre está pois achado e claramente designado; e, apezar de uma distancia de 2880 annos, este nome não tem soffrido senão a alteração de uma vogal *Yapurá* em logar de *Yapira*, e isto no meio de povos selvagens que não falam hoje o Kichua dos Antis (1). Em sua «Viagem ao Brazil e Amazonas» o Sr. Agassiz escreve Hyapura,

Temos dito acima que no cap. 10 dos Reis, livr. 1· Ophir em hebraico é *Apir*. Ora este vocabulo pertence á lingua Kichua, e os mineiros de toda a cordilheira dos Andes e da bacia superior das Amazonas, têm o nome de *Apir* ou de *Apiri* e em alguns logares de *Yapiri*. Eis pois a origem de *Apir* ou de Ophir do texto latino. *Apir* ou *Apiri* se refere aos mineiros e logares por elles cavados, emquanto que *Aypir*, *Aypira* ou Yapura indicam que elles trabalham na agua em que se faz a lavagem do ouro. Para precisarmos ainda mais o districto mesmo do Ophir, voltemos ao rio Yapura e vejamol-o no mappa. Em sua margem esquerda está indicada uma montanha: está tambem no mappa do Sr. Fritz, outr'ora missionario n'aquellas paragens (2). O Sr. de La Condamine usou deste mappa na sua viagem ás Amazonas; e, em sua relação, falando d'aquella montanha, diz que *ella contem prodigiosa quantidade de ouro.*

(1) Nos dialectos da bacia central das Amazonas, a agua e o rio são sempre *hi*, *hy*, *i*, *y*, *yg*, *ig*, *igh*, *yh*, *hu*, *u*, etc. Devemos fazer observar ainda que no hebraico, as lettras P e PH são representadas pelo mesmo signal, e que Ayphira ou Aypira, Ophir ou Apir são a mesma cousa; que a pronuncia verdadeira é não Ophir, senão Apir.

(2) Este mappa acha-se depositado na Bibliotheca Imperial de Paris.

D'ella sahe o *Rio del oro* cujo nome indigena é *ikiari*: este nome é contractado do hebraico *ikir* «precioso,» *iari* «rio»; «o rio precioso». Corre do Sul ao Norte e desemboca no lago *Yumaguari*; ora *yuma* «ouro nativo» é palavra indigena unida aos dois vocabulos hebraicos *gu*, «centro», *ari* «cavidade». O lago de *Yumaguari* tem, pois, por nome «cavidade centro do ouro nativo». O Yapurá desce a sua vez das ricas montanhas do Popayan, provincia da Columbia; e um de seus affluentes auriferos tem o nome de *Masai* ou *Masahi*. Masai ainda é nome derivado de hebraico *masar* «rico», ao qual o termo indigena *i*, «agua», está accrescentado. Este rio tem, pois, o nome de «Agua rica» (1).

Os hebreos davam o nome de *masaroth* aos thesouros consagrados.

Sobre o curso do Iapurá encontra-se uma cachoeira chamada pelos Hespanhoes «el salto grande»; porém seu verdadeiro nome, conservado entre os indigenas, é *Uacari* ou *Acari* (2) expressão que elles ordinariamente applicam aos logares d'este rio onde ha uma elevação abrupta do Solo. Ora, no hebraico *Uacarit* ou *Acarit* significa «elevado, levantado».

Eis pois uma serie de vocabulos e nomes hebraicos que fortalecem nossas provas sobre a região de Ophir, e é a mesma que atravessa o rio *Yapura*. Diversos outros nomes dos mais significativos confirmam ainda nossa opinião: assim vê-se o rio *Catuaiari*, do Kichua *catu* «mercado», e do hebraico *aiari* «rio», «o rio do mercado»; o nome do logar *Macapiri*, das palavras

(1) A elisão da consoante *r* é de frequente exemplo entre os povos americanos, oceanicos e africanos: por isso pronuncia-se Masai em lugar de Masari.

(2) Veja o Glossario de Martius, *Nomina locorum*, p. 434.

Kichua *maca*, «prato», *apiri* «dos mineiros»; (1) acha-se ainda os nomes das tribus *Apanos* «os carregadores», *Marukeuinis* «os socadores de terra», os *Apapuris* «os carrega viandantes». Como o temos dito, os indigenas do Yapura, que têm transmettido esses nomes, não conheciam nem o Kichua nem o hebraico; é mais uma prova que antigamente sobre as margens do Yapura, as povoações Antis se têm encontrado com os Hebreos e os Phenicios (2).

Diante de tão grande numero de coincidencias significativas, desses nomes hebraicos entre os quaes se acham *Apiri* ou Ophir, *Y-Apura*, «o rio de Ophir, e da prodigiosa riqueza aurifera verificada pelo Sr. de La Condamine, na visinhança do rio de Salomão e do imperio de Inin ou do Crente, podemos determinar os limites da região de Ophir: ella está situada no territorio columbiano e brazileiro, num triangulo formado, de uma parte pelas montanhas columbianas de Popayan e de Cundinamarca até o lago de Yumaguari cujas aguas alimentam um dos affluentes do Orenoco (3); de outra parte, pelo rio Ikiari até a montanha aurifera donde desce este rio; e pelo rio Yapura. A desapparição das frotas de Salomão ç de Hiram durante tres annos, a cada viagem que faziam, se acha agora explicada, pois que ellas estacionavam no rio que tinha o nome de grande rei. Se essas compridas estações, varias vezes repetidas, tivessem tido logar em qualquer ponto do antigo continente, a tradição ou a historia não teriam deixado de nol-o transmittir.

As varias viagens triennaes, a excepção de uma só, não se referem a Ophir, pois todas se fizerão em

(1) *Maca* é um prato de madeira que serve para lavar o ouro e separal-o da areia.

(2) Os Phenicios e os Hebreos fallavam a mesma lingua.

(3) A Cundinamarca possue monumentos da antiguidade que não têm sido estudados; e de suas montanhas descem rios cujos nomes revelam a antiga presença dos Phenicios ou dos Hebreos.

Tardschisch. David recebia pelos Phenicios o ouro de Ophir, e a frota construida no tempo de Salomão para o mesmo destino, sahio do mar Vermelho onde nunca mais entrou; fez sua juncção no Atlantico com a de Hiram a qual sahio do Mediterraneo; e ambas tomarão, depois da unica viagem que fizeram juntamente a Ophir, o nome de *frota de Tarschisch*, segundo o texto hebraico, e o de *frota d'Africa*, segundo o testo chaldaico. Causas diversas parecem ter motivado o abandono de Ophir. Basta lançar uma vista sobre o mappa, para ver que o rio Yapura tem varias fozes mal definidas as quaes se obstruem com facilidade pelos troncos que carregam as aguas: o que devia ser para os navegantes uma causa de difficuldade e confusão quando se internavam naquelle labyrintho. Alem disso, os Hespanhoes e Portuguezes hão reconhecido que a região do Yapura era mui insalubre. Em terceiro logar, explorando mais para Oeste o rio das Amazonas, os Hebreos e Phenicios acharão ouro fino em grande abundancia, com o trabalho mais facil que em Ophir. Em quarto logar, rio acima, tinha clima bom e navegação mais commoda.

Em quinto logar, approximando-se dos Antis, povo meio civilisado e laborioso, podiam d'elles tirar bom proveito e abastecimento para seus navios.

Emfim, nesta região superior da bacia das Amazonas, achavam prata e outros objectos que as frotas traziam em Joppe (Jaffa) para Jerusalem; os nomes dos que estão no texto hebraico da Biblia, pertenciam á lingua dos Antis, como ver-se-ha adiante.

Dissemos ha pouco que chegando-se mais aos Antis, o ouro fino era abundantissimo; com effeito, os Hespanhoes têm durante cerca de dois seculos, effectuado na Alta-Amazonia, a lavagem das areias auriferas, e sua riqueza não parece haver diminuido; pois hoje, um indio, com seu prato de madeira, pode colher

até sessenta francos de ouro fino em uma hora (1). Foi evidentemente esta região que no tempo de Salomão recebeu o nome de Tarschisch: pois a etymologia d'esta palavra é tomada na lingua Kichua, que é a dos Antis. Tarschisch origina-se de *tari* «descobrir» *chichiy* «colher o ouro miudo». Tarschisch é pois o logar onde se descobre e colhe o ouro miudo. O abandono de Ophir, a visinhança de Parvaim que foi preciso tambem abandonar, pois que era necessario se internar consideravelmente; as facilidades offerecidas pelas novas descobertas, e a etymologia de Tarschisch são um concurso de circumstancias que determinam a região onde se achava Tarschisch. Em fim digamos que este nome não tem sua etymologia em lingua alguma a não ser o Kichua. Para ir a Tarschisch, diz a Biblia que o propheta Jonas embarcou em Joppe: era pois para emprehender a navegação do Atlantico; pois no caso contrario tinha de embarcar no mar Vermelho.

Eis o que diz o vers. 22 do cap. 10 dos Reis:

«No mar, havia para Salomão uma frota de Tarschisch, *com* a frota de Hiram. Uma vez em cada tres annos, vinham os navios de Tarschisch, trazendo ouro, prata, marfim, monos e pavões». Os Paralipomenos confirmam essas viagens triennaes, dizendo liv. 2, cap. 9, v. 21: «Os navios ião a Tarschisch para o rei, *com* os servos de Hiram: uma vez cada tres annos, vinham os navios de Tarschisch».

Faremos observar que a viagem de Ophir, no reinado de Salomão, não lhe rendeu senão 420 talentos de ouro, segundo o cap. 9 do liv. 1 dos Reis: e que os Paralipomenos, liv. 2, cap. 9, v. 10, completam esta narração: «Os servos de Hiram e de Salomão, que trou-

(1) No anno passado, e este anno ainda, temos visto os relatorios dos officiaes da marinha peruana que estabelecem a verdade desta asserção e que apontam, nomeando-os, esses lugares tão ricos onde as experiencias foram feitas debaixo de seus olhos.

xeram o ouro de Ophir, conduziam *algum* e pedras preciosas». As madeiras chamadas *algum* deviam necessariamente ser desembarcadas em Joppe que é muito perto de Jerusalem. O cap. 9 v. 11 do liv. 1 dos Reis: «*E tambem a frota de Hiram* que trouxe ouro de Ophir, importou grande quantidade de arvores *Almug* e pedras preciosas. Notemos que nesta viagem as frotas alliadas trouxerão de Ophir duas sortes de madeiras, os *algum* e os *almug*, porém que não é mais questão de madeiras nas viagens a Tarschisch cujo ouro e prata foram o movel principal.

Se se resume o que tem dito os commentadores sobre o nome de Tarschisch, uns suppozéram que significava *o mar*, outros pensáram que podia ser *Tarso*, cidade da Cilicia; uns apontáram Carthago, outros para Gades; porém esses logares todos não produziam nem ouro, nem prata, nem pedras preciosas, nem tambem pavões e monos. Houve quem sustentasse que Tarschisch não podia estar senão na costa das Indias orientaes, o que é visivelmente impossivel, pois que Jonas, para lá ir, longe de embarcar no mar Vermelho, foi embarcar em Joppe; e que alem disso a frota de Hiram sahia do Mediterraneo. Em fim outros commentadores disseram que Tarschisch podia ser um porto da costa occidental d'Africa; porém a Africa não tem pavões, e os mais ousados admittiram que podia ser *uma ilha do Oceano*. Estes ultimos se têm approximado um pouco mais da verdade, sem se atreverem, porém, a fazer atravessar completamente o Oceano a frotas bem equipadas, entretanto, e que sahiam para effectuarem viagens de tres annos. Independentemente das provas de navegação que temos dado na introducção d'este relatorio, aproveitamos esta occasião para lembrar aos que estão sob a influencia de uma idea tão erronea sobre a passagem do Oceano, que em 1867, americanos o têm atravessado na sua maior largura, *uns com canoa*, e outros *em jangada*, desde Nova-York.

Ora basta lançar os olhos sobre um planispherio para se convencer que do Cabo Verde ao Brazil, a distancia é a metade da que existe entre Nova-York e as ilhas Britannicas.

A juncção dos factos que têm respeito a Tarschisch, o collocam tanto quanto o seu nome, na vizinhança dos Antis, a Oeste de Ophir e na parte mais rica da bacia das Amazonas. A região de Tarschisch acha-se pois onde a temos indicado em nosso mappa.

Examinemos agora algum nome dos objectos que traziam os navios de Salomão e de Hiram em suas viagens triennaes; pois excepção do ouro, da prata e das pedras preciosas, cousas conhecidas dos Hebreos antes d'estas viagens, os outros artigos importados a Jerusalem ali chegavam *com nomes pertencentes á lingua estrangeira*, e esses nomes estrangeiros eram evidentemente do logar da proveniencia dos artigos importados.

Fallemos primeiro das madeiras preciosas e odoriferas que uns julgarão ser o sandalo. Em o liv. 1 dos Reis, cap. 10, v. 11, diz-se que os navios de Hiram trouxeram ouro de Ophir e grande quantidade de arvores *d'almug*, nome cujo plural é almughim. Almug pode ter sua derivação do vocabulo hebraico *ala* «madeira dura ou madeira consagrada», e do termo Kichua *mucki* «odorifero, cheiro», e cujo verbo é *muka* «cheirar»; ou então sua etymologia está nas duas palavras Kichua *alli* «bom, excellente», e *mucki* «cheiroso ou cheiro». Almug é pois «madeira de bom cheiro», e foi com ella, segundo a Biblia, que Salomão mandou fazer as collumnas do templo de Jerusalem. Parece que os navios tyrios foram os unicos que trouxessem esta madeira; se é o sandalo, podemos affirmar que delle ha muito na Alta Amazonia. Em o livro dos Paralipomenos, cap. 9, v. 10, lê-se: «Os servos de Hiram e de Salomão, que trouxeram o ouro de Ophir, trouxeram *algum* e pedras preciosas», donde resulta que esta ultima sorte de madeira foi trazida por ambas as frotas.

No texto hebraico, diz-se no plural *algumim*, e este nome não tendo sido entendido pelos interpretes, traduziram-no em latim por *ligna hebeni*, *ligna thyina* e *ligna coralliorum*. Sua etymologia está no hebraico: *ala* «madeira», e no Kichua *kumu* «curva»; ou ainda nos vocabulos Kichua *alli* «bom», *kumu* «curva»; os *algum* ou algumim são pois «as madeiras curvas» ou «as boas curvas». O emprego dos *almug* para os pilares nos explica o dos *algum* para os arcos entre esses pilares e para as abobadas do templo.

O celebre philologo Max Muller diz que um dos muitos nomes dados ao sandalo, no sanscrito, é *valguka*. Este valguka, prosegue elle, é claramente o nome que os mercadores judeos e phenicios teem corrompido em algum, o que os Hebreos teem mudado em almug. Se assim fosse, o texto hebraico não lhe teria dado senão o nome adoptado pelos Hebreos.

Comparando este vocabulo sanscrito com as etymologias verdadeiras e expressivas de *almug* e de *algum* tiradas do Kichua *al-mucki* e *al-kumu*, o valguka de Max Muller não é admissivel e não tem recebido as duas transformações que suppõe; alem de que, apezar da sua sciencia sanscrita, nunca poderá elle achar Ophir, nem o ouro de Ophir no Malabar, esta parte da India por elle indicada: nossa demonstração já o tem provado.

A frota de Tarschisch levava tambem a Salomão aves chamadas *tuki*, no plural *tukum*: este nome foi geralmente traduzido por pavão. Notemos primeiro que a America equatorial possue diversas variedades de pavões e de perus: oriundos d'aquella terra, ali vivem no estado selvagem. Fallamos aqui d'essas duas especies de aves, porque ambas teem os mesmos modos, ambas *se incham com orgulho*, abrem em leque suas pennas e fazem rodas.

Quem quer que tenha visto os perus fazerem roda, sabe que neste momento *tuk* é um som um pouco aba-

fado e muito particular produzido por estas aves para se fazerem admirar. Pois bem, este *tuk* é justamente a origem de *tuki*, palavra Kichua que significa «inchado de orgulho, orgulhoso». Os perus e os pavões são as aves «orgulhosas» ou simplesmente *tukum* «as orgulhosas» como as chama a Biblia. Entre as variedades de pavões do Equador e da Guyana se acha a que naquelles paizes chamam *ocko*; ora por uma similhança exquisita no epitheto de orgulhoso tirado de *tuki*, achamos igualmente que o grego *ogkos* «orgulhoso» é tambem tirado do pavão americano *ocko*. Este pormenorzinho não deixa de ter seu interesse, pois dissemos na introducção d'este relatorio que a lingua grega tem parte de suas origens na America, mormente na lingua Kichua.

Em presença da verdade de nossa etymologia, pois que o tuk biblico é palavra Kichua, collocaremos as de alguns philologos que Max Muller tem posto em relevo, pois elles suppuzeram que *tuki* era derivado de *togei* «o que pende», palavra pertencente á lingua tamoula; suppuzerão ainda a palavra *sigi* que mais se afasta de *tuki*, e tentaram fazel-a derivar do sanscrito *sikkin* «crista». Para cumulo de inverosimilhança, o doutor Gundert que se tem entregue ao estudo das linguas dravidianas, applica-se a originar *togei* de *to* ou *tu*, e accrescenta arbitrariamente para segunda base *gnu*, a fim de chegar a compor *tongu* donde faz derivar *tongol*, vocabulo tamul que significaria «cauda de pavão».

Quantos esforços, quantas combinações engenhosas, quantas transições forçadas!

Philologos de fama só podem-se as permittir. Nunca teremos a ousadia de dar semelhantes etymologias: felizmente a clareza, a precisão do Kichua nos livram de tal perigo.

Em seus *Estudos sobre a sciencia da linguagem*, o philologo Max Muller nos diz que os monos trazidos a Salomão eram chamados pelos Hebreos *koph*, no plu-

ral *kophim*: teria podido ler *kop* e *kopim* (1); e accrescenta que este nome *não pertencia á lingua d'elles nem tem sua etymologia em lingua alguma semitica.* Faremos observar que *kop* não se escreve senão com duas consoantes *kp*, e que em logar de interpor a vogal *o*, se interpuzesse *a*, que teria tido *kap* e no plurar *kapim*, o que é a verdadeira pronuncia, e então ter-se-hia achado em presença d'essas palavras o sanscrito *kapis* «mono». Entretanto os Hebreos não foram pedir ao sanscrito o nome dos monos *que vinham de Tarschisch. Kap* e *kapim* têm sua etymologia no Kichua *kapi* «agarrar fortemente com a mão», acção mui particular que commette o mono á moda do homem e que mais nos impressiona. Esta origem de *kapim* é evidentissimamente americana. Uma ponta da ilha de Santa Catharina, perto da costa do Brazil, tem o nome de Kapi; no interior das Amazonas, um de seus affluentes que desemboca perto do Pará chama-se Rio Kapim (rio dos macacos), e rio acima se acha a ilha de Kapim; vê-se que a forma hebraica se ha conservado ainda nestes nomes. (2) Em quanto ao encontro do termo *kapis* no sanscrito, explica-se, pois, que notamos no Kichua quinhentas palavras da lingua hindoustani (3) tendo em ambas as linguas os mesmos sentidos.

Não é logar entrarmos aqui em explicação sobre a presença do Kichua nas Indias orientaes; contentarnos-hemos com dizer que neste momento trabalhamos em uma obra em que, com geral admiração, demonstrase-ha que os Arias e sua lingua sanscrita tiveram seu berço na America: temos disso as provas philologicas, ethnographicas e historicas.

(1) Lembramos aqui que no hebraico o P e o PH são a mesma lettra.

(2) Podem ser vistos nos mappas hydrographicos do commandante Tardy de Montravel e outros mappas ainda.

(3) O hidoustani é formado do sanscrito, de linguas dravidianas, de arabe e de persico; podia-se accrescentar, de Kichua.

Entre os objectos preciosos que as frotas de Salomão e de Hiram trouxeram, se acha o marfim que é designado na Biblia debaixo dos dous nomes de *Schanabim* e de *Karnot-schan*. Max Muller faz ainda observar que *abim* não tem derivação do hebreo; mas elle suppõe que esta palavra possa ser uma corrupção do sanscrito *ibha* precedido do artigo semitico; e com esta hypothese, pensa que *abim* deve ter, como *ibha* a significação de elephante. Emprega-se, é verdade, no hebraico o vocabulo *schan* por «dente». Porem sua origem é americana; é o que vemos na bacia das Amazonas, onde na lingua *tupi* que é a lingua geral do Brazil, «dente» se exprime por *schan*, *shaina*, *shene* e *sahn*; entre os Panos, diz-se *schaina* e *schaila*; no dialecto puri, diz-se *scheh* e *tsché*; em botocudo *schoun* e *dschoun*. Porém se *schan* é realmente hebraico, sua presença entre os povos das Amazonas, que o têm conservado, seria mais uma prova que Tarschisch estava neste rio, e que os Hebreos ali procuravam o marfim que se acha no estado fossil; ora o marfim fossil é o mais vulgari mente empregado nas artes. Tem-se já descoberto na America seis variedades de elephantes fosseis, porém ignoramos si estes pachydermas todos hão sido anniquilados num cataclysmo ou se ainda existiam no tempo de Salomão; em todo caso, o marfim fossil estava em estado melhor de conservação ha 2880 ou 3000 annos.

Quanto a *abim*, não he corrupção do sanscrito *ibha*; é a palavra egypciaca *ab* «elephante» pluralisada pelos Hebreos: ha correlação entre o egypciaco *ab*, *aba* e o Kichua *apa* «carregar» *apac* «o carregador»; em egypciaco *abah* ou *apah*, e no Kichua *apa* significam «fardo». O nome do elephante que é por excellencia o animal carregador, pode ter sua origem tanto no Kichua como no egypciaco. Alem disso já temos annunciado que grande numero de vocabulos Kichua estão na antiga lingua hieroglyphica dos Egypcios, e que, pelos Atlantes, elles teem origem commum.

Acima dissemos que na Biblia, o marfim é tambem chamado *karnotschan* «chifre de dentes». Tal pobreza d'expressão leva a crer que o Kichua tem ainda aqui o primeiro papel. Com effeito, faremes observar que debaixo da primeira lettra hebraica de *karnotschan*, tem-se collocado um *hmetz*, signal massorethico que dá ao *K* (Koph hebraico) o som da vogal *a*; ora, como nos é permittido rejeitar este signal de convenção que não existe no antigo hebraico, temos a liberdade de substituir o *a* por *i*. Então em logar de *karnotschan*, obtemos *kirnotschan*. Neste caso dividimos este termo do modo seguinte: *kir-notschan* derivado do Kichua *kiru* «dente» *notchischan* e por contracção *notschan* «que é apontado» *kirnotschan* «o dente apontado». Assim para designar o marfim, não é certo que se empregasse palavra alguma hebraica. Os Hebreos puderam ver elephantes no tempo de sua servidão no Egypto e em Babylonia; porém na Judea, viram-se só 165 annos antes de Jesus-Christo: alludimos aos elephantes pertencentes a Antiocho Epiphanio, rei de Syria, quando veiu acommetter ao povo judeo, e que o valeroso Eleazar, um dos irmãos de Judas Machabeo, pereceu debaixo do elephante do rei.

Em resumo, depois de nos havermos baseado em historiadores, para demonstrar que os povos da antiguidade navegavam no Oceano e conheciam a America, acabamos de mostrar que os *termos estrangeiros* misturados ao texto da Biblia e que designam os *objectos trazidos* pelas frotas dos dois reis, teem sido tomados na lingua Kichua ou dos Antis da America equatorial e meridional.

Fizemos ainda conhecer que *palavras hebraicas transportadas* nesta parte da America, tem-se misturado aos dialectos dos indigenas, ou mesmo se hão conservado intactas. Esta troca de vocabulos entre nações de continentes diversos é a prova que os Hebreos e os Phenicios ião ao rio das Amazonas, o qual recebeu d'estes

navegantes o nome de Salomão. O imperio de Inin ou do Crente, as posições indicadas de Parvaim, Ophir e Tarschisch, os nomes e particularidades que se ligam a varios logares e rios, formam uma tal serie e *reunião de factos* grupados *em uma unica região*, que a evidencia de nossa descoberta é palpavel, incontestavel. Devemos pois á lingua Kichua termos achado o caminho que seguiam ha 2880 annos as frotas de Hiram e de Salomão; foi ella que trahiu o mysterio de sua navegação e nos dá explicações de suas ausencias de tres annos para cada viagem, fazendo-nos conhecer que ellas estacionavam placidamente nas aguas das Amazonas.

Para satisfação dos nossos leitores, accrescentaremos em fim algumas observações sobre os Antis e sua lingua. A migração d'este povo da Asia para America é anterior ao diluvio alguns seculos, pois que participaram da invasão dos Atlantes antes do cataclysmo. Alem disso, os Antis em logar de escriptura, usavam no tempo dos Incas, de *quipos* ou cordelinhos com nós, uso que existia entre os Thibetanos e Chins até o tempo do imperador Tohi, 600 annos antes do diluvio. Esses factos provam a remota antiguidade do estabelecimento dos Antis nas cordilheiras da America equatorial e meridional e na bacia superior das Amazonas. Esta nação primitiva tem sido preservada contra as invasões, de toda destruição pela altura consideravel e aspereza do territorio que habita, por mil leguas de florestas virgens que a separam do Atlantico e da banda do Occidente por formidaveis montanhas e a immensidade do grande Oceano. A lingua Kichua fallada ainda por tres milhões de indigenas, não se escreve senão com quatorze lettras: vê-se, pois, que seu geito inteiramente primitivo soffreu poucas alterações. O sanscrito pelo contrario, escrevendo-se com 39 signaes, faz-nos suppor ter-se appropriado, aperfeiçoando-se, muitas raizes estrangeiras que nelle não existiam no principio e de que foi preciso conservar a pronuncia.

O que quer que seja, uma lingua primitiva não pode ter 39 caracteres. Debaixo dos Incas, a lingua Kichua tem sido fallada desde o segundo gráo de latitude Norte até o trigesimo quarto gráo de latitude Sul; e em largura, isto é desde o Pacifico para o Oriente, não se a fallava muito alem de quinhentos kilometros; em quanto que, nos tempos mais remotos, ella tem sido usada ao longo do rio das Amazonas até mil e duzentos ou mil e quinhentos kilometros do Pacifico.

Acabemos por uma ultima observação. Humboldt e Klaproth tem dado muito mal a proposito a denominação de quicheana á lingua Kichua; com effeito, um dos dialectos do Mexico que tem o nome de quiché, não tem relação com a lingua dos Antis; e é ao quiché mexicano, como bem se entende, que devia ser applicada a expressão de quicheana. Nossa observação tem por fim impedir todo equivoco entre nosso modesto trabalho e os sabios escriptos do Sr. Brasseur de Bourbourg sobre a historia, archeologia e dialectos do Mexico. (1)

(1) O folheto de que extrahimos esta publicação não trazia appenso o mappa a que se refere o auctor.